

do Rio Grande, atribuindo notas aos Constituintes gaúchos. Naturalmente, esse levantamento foi feito num momento em que apenas 30% da Constituição haviam sido votados, e revela certa parcialidade. As notas são atribuídas conforme o desempenho dos Constituintes, do ponto de vista dos empresários do Rio Grande.

Lamentavelmente, ex-celeiro nacional, o Rio Grande do Sul, de tanta importância não apenas econômica, mas política, nesta Nação, por meio dos seus empresários, reprova, no conjunto, o trabalho de sua bancada Constituinte. Não atingimos a média de 50 pontos numa escala de zero a cem. Eu, por exemplo, recebi nota 14, realmente muito baixa, do ponto de vista dos empresários. E, se não fosse minha defesa intransigente em favor dos microempresários, dos trabalhadores, dos pequenos comerciantes, seguramente seria mais baixa. Os empresários, ao fazerem essa pesquisa quando ainda não estamos nem na metade dos trabalhos da Constituinte, fazem um trabalho, como se diz no Rio Grande do Sul, de "calças curtas".

Outro registro que gostaria de fazer é sobre a pesquisa que a "Rádio Gaúcha" realizou anteriormente, em que entrevistou seiscentos e tantos ouvintes sobre o mandato do Presidente Sarney e sobre qual seria o nome em que os gaúchos consultados votariam para Presidente da República. Mais de 53% dos entrevistados revelaram a intenção de votar no ex-Governador Leonel Brizola e, em segundo lugar, no Governador Fernando Collor de Mello. Um dado importante: 96% dos entrevistados optaram pelo mandato de quatro anos.

Outra matéria, também publicada no jornal "Zero Hora", é uma advertência dura, drástica àqueles que têm a responsabilidade de decidir os destinos desta Nação, especialmente com relação à reforma agrária.

Todos sabemos das extremas dificuldades que pesam sobre o setor primário, não apenas no Rio Grande do Sul, mas em todo o Brasil. A falta de uma política agrícola e o descontrole do Governo nessa área resultaram em conseqüências desastrosas ou seja, milhões e milhões de brasileiros foram jogados a um segundo plano e na marginalidade. A propósito, no Dia Internacional da Mulher, em um protesto duro, que naturalmente, deve ser analisado, as mulheres do Rio Grande do Sul, apesar de todo o desastre em que se encontra o nosso Estado, ainda têm fibra e garra para continuar na luta. Estão em acampamentos à beira da estrada esperando a reforma agrária. É de lamentar o caso da pequena agricultora Janete Faria, do Município de Soledade, que contraiu empréstimo de custeio para sua pequena lavoura e, indo ao banco, constatou não ter condições de pagar sua dívida, e suicidou-se.

Esse exemplo terrível é uma advertência àqueles que ainda não compreenderam que a reforma agrária é a solução para milhares de brasileiros.

O SR. PAULO PAIM (PT — RS. Pronuncia o seguinte discurso.) Sr. Presidente, Srs. Constituintes, os jornais do Rio Grande do Sul divulgam, hoje, a avaliação feita pela Federasul a respeito da atuação da bancada gaúcha na Constituinte.

Esta avaliação representa a ótica e a visão dos empresários, que estão acompanhando quem de fato honra os compromissos assumidos durante a campanha. A pesquisa em si não traz nenhuma

surpresa, pelo contrário, ratifica o que está sendo divulgado pelo movimento gaúcho da Constituinte e pela CUT.

Os Parlamentares identificados com o "Centrão" receberam a maior nota e os Parlamentares identificados com os trabalhadores, a menor. Da mesma forma, proporei ao movimento sindical uma pesquisa para averiguar, junto aos trabalhadores, quem está tendo uma melhor atuação e, posteriormente, divulgar para a imprensa seus resultados. Temos a certeza de que aqueles que são os últimos, serão os primeiros na opinião dos trabalhadores. A coerência dos Parlamentares progressistas está evidenciada nas posições que assumimos, que continuaremos a defender, independentemente da vontade empresarial aqui manifestada por seus representantes.

O SR. JOAQUIM FRANCISCO (PFL — PE. Pronuncia o seguinte discurso.) — Srs. Constituintes hoje, deste plenário, permitam-me retomar um hábito muito pessoal. Permitam-me guardar o tom coloquial e evocativo e saudar o Recife sem discursos. Porque o Recife que aniversaria merece menos discursos do que crônica, pois que discurso não se faz para a amiga e amada.

Nenhum local melhor do que este Plenário para uma saudação à cidade que se vem construindo, corajosa e temamente, com o sangue de heróis e o sentimento de poetas, "metade roubada ao mar, metade à imaginação", desde aquele 12 de março de 1537. Nenhum local melhor do que esta tribuna para fazer refletir sobre os "Meninos do Recife". Meninos que são e têm sido a razão de ser da velha cidade, que estão no que de melhor sobre ela se escreveu.

Contemplo o passado do Recife de tantos heróis gloriosos e tantos heróis sem glória, todos construtores da saga recifense que se fez epopéia. Ouço vozes de mais de quatrocentos anos revelando coragem e sacrifício, trabalho e irredentismo, ideais liberais e libertários, em sucessivas gerações de combate e rebeldia, que nunca recusaram ante as inclemências da natureza, a ousada invasores, às tiranias da metrópole, às tentativas de opressão.

É preciso, pois, saudar o Recife, a cidade que de fé e coragem, esforço e imaginação, se inventou no tempo, molhada de rios e manchada de sangue. Saudá-la como Tobias Barreto, que contou sua altivez de "Cidade Valente", percorrer, como Capiba, esta "Cidade Lendária", olhar seus crepúsculos, como Aldemar Tavares; sentir, como Olegário Mariano, a poesia que o Capibaribe traz "das idéias, dos campos floridos, dos sertões distantes", viver sempre junto do Capibaribe, "sempre junto", como dizia Austro Costa; tomar nas mãos a poesia das pedras e dos muros desta cidade patinada de poesia, como fez Mauro Mota; cantar-lhe as águas, como João Cabral de Melo Neto; colorir-se com mais cores, como Carlos de Pena Filho; amar suas mortes, como Ascenso Ferreira; evocar nossa própria História na história da cidade e amá-la, cada um a seu modo, tal como Manuel Bandeira, que não contou o Recife das revoluções libertárias, "mas o Recife sem história nem literatura / Recife sem mais nada / Recife da minha infância".

Agora vejo os "Meninos do Recife", que se convertem ao espírito anfíbio da cidade, brincando de peixe, à guisa de adolescentes botos — esses peixes brincalhões (embora tardos) e hoje desa-

parecidos graças à fúria do progresso, que degrada a cidade cuspidos dejetos nos seus belos rios. Meninos que pulam das pontes, de cabeça, no rio morno ou nos canais remotos, e com isso desafiam a aparente indiferença de passantes e descrevem desse modo invulgar sua presença múltipla na cidade.

Meninos que deixam cedo a escola, tão logo aprendem a soletrar a placa do ônibus que os leva ao centro e à aventura e, tantas vezes, desafortunadamente, não os devolvem aos subúrbios e até conduzem a paragens ignotas suas vidas imaturas. Meninos que invadem calçadas, abrigam-se sob marquises ou se esgueiram nas esquinas, procurando, com ávido equilíbrio uma forma impossível de vida, e por isso são crepúsculo, quando deveriam ser aurora e esperança. Meninos que batem à porta de nossa sensibilidade, chamando-nos a atenção para os compromissos do futuro.

Hoje, estou aqui, mais uma vez, menos falando que ouvindo a voz dessa gente, heróis, poetas e meninos, uns mortos outros vivos, todos ao lado de tantos mais, de ontem, de hoje, presentes na alma e na vida do Recife. Uns, heróis; outros, poetas; outros, meninos. Ao lado de nós outros, que não somos poetas ou heróis e não mais somos meninos — trazendo nossa declaração de fé e amor à cidade. Trazendo o nosso abraço ao Recife.

O SR. UBIRATAN AGUIAR (PMDB — CE. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Constituintes, mais uma vez encontra-se ameaçada de falência, em virtude de condições climáticas adversas, a agricultura nordestina, multiplicando-se os apelos que nos chegam e a todas as autoridades federais, no sentido de providências urgentes que evitem o colapso total da produção agropecuária naquela sofrida região.

A situação é verdadeiramente desesperadora, principalmente como decorrência da cobrança de correção monetária plena em todos os contratos de crédito rural firmados com os estabelecimentos bancários atuantes na área. Em curto e incisivo telegrama assinado pelos Presidentes da Associação Nordestina de Agricultura, da Federação das Associações do Comércio, Indústria e Agropecuária do Ceará, da Federação da Agricultura do Estado do Ceará, da Associação Cearense de Criadores de Gado Holandês, da Associação Cearense de Avicultura e da Associação dos Suinocultores do Ceará, fica esclarecido que os principais fatores da situação negativa são a substancial queda do poder aquisitivo do consumidor brasileiro em geral e do nordestino em particular, o aviltamento dos preços dos produtos agropecuários e a conjuntura climática, decorrente da seca verde do ano passado.

Essa conjunção de fatores acarretou sensível aumento dos preços dos insumos na região, inclusive de caráter especulativo. Produtos como o farelo de algodão, o milho, o farelo de soja, oriundos de outras regiões, sofreram majoração da ordem de mil por cento em um ano. Salienta-se, por exemplificação, que a produtividade do milho no Nordeste é de apenas onze por cento, se comparada com a do Centro-Sul e, segundo estudos da EMBRAPA, em cada decênio ocorrem apenas quatro anos de boas safras. Enquanto isso, o crédito agrícola para a região não chega a representar doze por cento do total nacional,